

do Goetheanismo e do Idealismo alemão, que muito em breve foram soterrados pelos seguidores dos naturalistas: como Darwin e seus conterrâneos. Quem for capaz de participar de tais transformações, que são questões do destino da humanidade, este reconhece que os 'enigmas' da Filosofia não são acontecimentos do acaso de personalidades individuais ou de cosmovisões, porém representam a sequência dos passos da história no desenvolvimento da humanidade.

EDITORIAL

Nessa edição contamos com duas valiosas contribuições de profissionais das áreas médica, odontológica e da terapêutica da Antroposofia brasileira.

Dra. Célia Lulo Galitesi se dedica à observação do desenvolvimento dos dentes na primeira infância, comparando-o à fase seguinte do desenvolvimento geral da criança. Tratam-se das bases utilizadas para a elaboração de um trabalho para professoras da Educação Infantil, no início de 2013. Celina Norcia Targa, ex-professora de classe que se especializou na área terapêutica para ajudar crianças no seu amadurecimento harmonioso, nos presenteou com a transcrição de sua palestra proferida no I Simpósio do CIMA – Comitê Iberoamericano Multidisciplinar Antroposófico . Os dois artigos refletem a grande preocupação dos professores da Pedagogia Waldorf diante da alfabetização precoce que a lei acaba de nos impor.

Contamos ainda com a transcrição da palestra proferida no Congresso de Professores e Educadores em 2012, por Jos Schieren, que trata da estruturação do Eu no decorrer do desenvolvimento da humanidade e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento saudável do Eu em cada ser humano,

Gostaríamos de chamar sua atenção para o preparo do IV Congresso Brasil de Pedagogia Waldorf, que acontecerá no Colégio Waldorf Micael de 21 a 26 de janeiro de 2014, como já anunciamos nas Cartas I e II encaminhadas às escolas. O sucesso desse evento depende, em grande parte, de sua colaboração, atendendo nossas solicitações enviadas às escolas - a vocês - por correspondência. Participem!

Gostaríamos de agradecer profundamente a colaboração dos autores. Para os próximos números, esperamos contar com novas contribuições valiosas dos nossos colegas brasileiros.

Pelaanização do Periódico
Eleonore Pollklaesner

ODONTOLOGIA ANTROPOSÓFICA

Dra. Celia Lulo Galitesi

A troca dos dentes e o desenvolvimento integral da criança

Pedagogia Waldorf | Odontologia Antroposófica. (OIA)

Célia Regina Lulo Galitesi

Apresentação:

Este artigo visa trazer ao conhecimento dos leitores uma base conceitual, considerando a íntima relação entre as transformações que ocorrem nas arcadas dentárias e o desenvolvimento integral do ser humano, descrito em fases setenárias (setênios).

A partir da observação dos processos e resultados do trabalho de assistência clínica, tratamentos dentários e pesquisa em campo realizados nos últimos vinte anos, incluindo a visão integral antroposófica, a autora tornou possível compartilharmos da compreensão de como se processa cada fase da troca da dentição, em paralelo ao desenvolvimento anímico da criança, como reflexo deste denso processo físico.

Periódico - FEWB | Maio 2013

Introdução:

Podemos, por meio da observação das características dos dentes e da cronologia em que ocorrem as trocas da dentição, verificar na criança seu processo de individuação pela ritmização, e com este aprendizado compreender como a adequação no desenvolvimento destes processos pode beneficiar a saúde bucal e a criança como um todo.

Para a prática cotidiana, os conceitos preliminares são indispensáveis pois justificam o porquê e como proceder às indicações para condutas desde educacionais e pedagógicas até terapêutico-medicamentosas, e fomenta o trabalho interdisciplinar dentro da visão salutogênica, que beneficia o paciente e favorece os procedimentos clínicos.

Assim sendo, para iniciarmos o entendimento deste tema, duas básicas explanações fazem-se úteis; trata-se da conceituação de: 'visão integral' e do binômio 'saúde-doença' do ponto de vista antroposófico, para isso os parágrafos que se seguem fazem alusão e conectam tais conceitos numa propositada intenção:

A "irmã" é para Trakl a imagem da nossa irmanada origem do mundo espiritual. A essa o nosso Eu está fraternalmente unido. Mas na destruição da guerra esse Eu cambaleia no bosque da estupefação, onde o Eu não tem mais voz.

É nessa vivência, a qual, de certa maneira, ainda hoje é uma vivência da civilização, que a escola Waldorf quer ter seu ponto de partida. Ela é uma pedagogia do Eu, pois busca dar sustentação adequada ao Eu, segundo sua natureza, e unir-se em liberdade com o espiritual.

Reencarnação e destino

Por fim ainda voltemos, mais uma vez, ao aspecto da verdadeira atividade do Eu. O grandioso na apresentação de Rudolf Steiner é que a atividade de *separar e unir* do Eu humano ao mesmo tempo é o ritmo de *reencarnação e destino*: enquanto nós nos unimos com o mundo e nele adquirimos as nossas capacidades, alcançamos uma consciência do destino. Este é um dos lados, o lado goetheanístico, para o qual a pedagogia Waldorf prepara.

Mas existe ainda outro lado, que não leva para o mundo, mas antes, ao âmbito interior do ser humano. Esse caminho Novalis percorreu. Ele leva ao "mais sagrado" do ser humano. Nós nele intuimos o nosso ser eterno, o nosso eterno Eu ativo que quer entregar-se ao espiritual. Para isso nós temos que nos separar um pouco do mundo. Nisso consiste algo de separação dolorosa, que Novalis vivenciou na morte de sua noiva. Mas nós aprendemos através disso a nos unir com nosso próprio ser eterno e percebemos que há algo mais do que a nossa atual corporalidade. Isso é a nossa consciência de reencarnação. Para isso prepara a pedagogia Waldorf, que é uma *pedagogia do Eu*.

Autor: Dr. Jost Schieren – Dourotado em -A Ciência da Antroposofia – docente na Academia de Artes e Ciências na Escola Superior ALANUS – AL – Departamento de Educação e Desenvolvimento Humano – Membro da – Alfter Cultural Association-,

* NT. Sobre esse tema Steiner em 'Os Enigmas da Filosofia', referindo-se em - A Ciência Natural da Atualidade - apresenta a esperança do grande impulso

alcançar vivências íntimas semelhantes, como Novalis as descreve. Nós levamos os conteúdos da nossa aula para os alunos de tal forma que possam ter vivências espirituais. Eles se tornam confiantes em seu interior e estarão preparados para o “momento certo” que freqüentemente se nos apresenta como decisão de vida.

A responsabilidade que a pedagogia Waldorf tem nesse sentido é imensa. Pois temos de levar em conta que os germes espirituais de Goethe e Novalis, a força espiritual do Idealismo e do Romantismo afundou na cultura da História. Por meio da Ciência Natural emergente, através do Positivismo, a cultura espiritual do Romantismo e do Idealismo como que foram apagadas.* Com isso Rudolf Steiner, em sua época, tem lutado contra tornar a escola uma instituição tosca de aprendizagem para conteúdos racionais, sem uma compreensão para a dimensão da personalidade espiritual. E, além disso, a terrível experiência da Primeira Guerra Mundial naquela época deixou uma nova geração de poetas, que se haviam ligado à época do Romantismo, perder a fé na fundamentação do Eu humano no espiritual. Aqui se pode mencionar Trakl, mas também, por exemplo, Hermann Hesse.

Georg Trakl

Georg Trakl sofreu sobremaneira sob o poder de destruição da guerra. Em seu poema “Grodek” diz o que citamos aqui apenas em parte:

*“À noite soam as florestas outonais
De armas mortíferas,
...
Guerreiros morrendo, o lamento selvagem
De suas bocas quebradas.
...
Todas as ruas embocam em negras decomposições.
Sob hastes douradas da noite e das estrelas
Movimenta-se a sombra da irmã pelo bosque silencioso.”*

§ “Cada ser humano faz parte de um todo e influencia este todo, quer tenha consciência disso ou não, pela maneira como lida interior e exteriormente consigo próprio e com as outras pessoas, participa ativamente na evolução da Terra e do Homem.

§ Quanto mais eu for capaz de atuar a partir de uma perspectiva global – mesmo no pormenor mais ínfimo – tanto mais eu irei contribuir para o bem do todo.

§ Quanto mais isolado eu estiver, quanto mais desconectados forem os meus atos, tanto mais eu corro o risco de contribuir para as patologias no processo da evolução. A doença é sempre consequência do isolamento ou da desintegração de determinados processos, funções ou substâncias no organismo.

§ Tornar-se saudável, “são”, “inteiro”, significa integrar-se”.¹

Isso posto, resta-nos, ainda preliminarmente, uma básica compreensão do que é o sistema dentário do ponto de vista sensorial, ou seja, compreender suas características anatômicas, histológicas, fisiológicas, morfológicas e principalmente sua funcionalidade, localização e processo de formação, e por fim o seu significado do ponto de vista anímico espiritual, para então nos ocuparmos em pensar o que pode ser feito por parte do processo educacional e pedagógico que venha a influenciar na formação e qualidade das arcadas dentárias e no desenvolvimento integral. Este tema será apresentado, neste artigo, em partes:

Introdução

I – Conhecendo Dentes e Arcadas

II – O Dente à imagem do Mineral e do Homem

III – A trimembração nas arcadas e dentes

IV – A fase das trocas de dentes

V – Fases do Desenvolvimento da criança.

VI – Procedimentos educacionais pedagógicos como indicações salutogênicas e terapêuticas com finalidade odontológica.

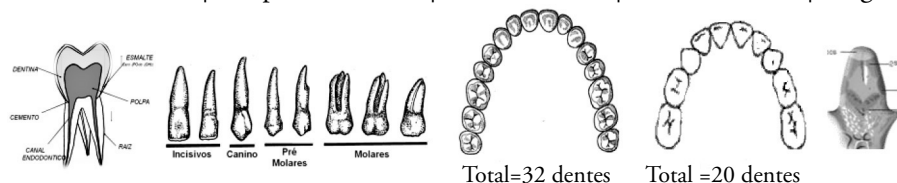
Conclusão.

Referências de bibliografias e imagens.

I – Conhecendo Dentes e Arcadas

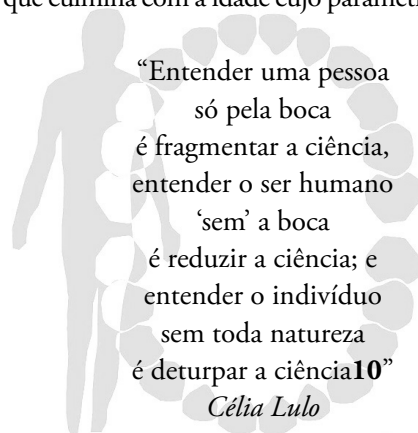
A cavidade bucal é portal de divisa entre nosso mundo interior e exterior. Ela pertence ao sistema estomatognático, que contém dentes, arcadas, língua, saliva, gengivas, glândulas, amígdalas, esôfago, estômago... e por aí vai. Importa lembrar que nela se dá o início do processo digestivo e da fala, onde: “a boca com seus dentes, lábios, língua, faces e palato é a escultura de sons vocais. Ela capta a substância aérea preparada pela laringe e forma sons labiais, palatais, dentais e linguais” 2... As imagens abaixo [fig 1] ilustram alguns destes constituintes:

Dente Humano | Grupos de Dentes | Arcada Adulto | Arcada Infantil | Língua



“A boca é cenário de um ciclo completo da existência humana: desde a oralidade primordial (estomodeu), fase gestacional entre a terceira e quarta semana i.u., quando o embrião mede cerca de 3 mm, até a finalização do último sistema que matura no homem adulto: o sistema estomatognático, marcado pela erupção dos terceiros molares (sisos), por volta dos 17-21 anos, que ocorre depois da maturação física sexual. Este aspecto primordial tem sua importância anatômica, fisiológica, como também no que diz respeito às correspondências psíquicas. Esta é uma das razões pelas quais a boca é local onde manifestam-se os primeiros sinais clínicos de diversas doenças sistêmicas, AIDS, e outras.

Será acaso ou sincronicidade o fato de a maioridade ser definida e reconhecida na idade de 21 anos, o que culmina com a idade cujo parâmetro maior é o dente siso?” 3



“Entender uma pessoa só pela boca é fragmentar a ciência, entender o ser humano ‘sem’ a boca é reduzir a ciência; e entender o indivíduo sem toda natureza é deturpar a ciência¹⁰”

Célia Lulo

sensatez, nessa situação, é bem difícil por se estar ligada tão ininterruptamente, tão necessariamente, à oscilação nas nossas demais situações..”

Aqui Novalis descreve a força de que nós necessitamos para novamente nos separarmos do mundo e da consciência das representações mentais ligadas a ele. Rudolf Steiner descreveu isso em outras passagens simplesmente como pensar. Quando for realizado “livre do corpo”, cai fora do contexto sensorio. Com isso chega-se a si próprio. Novalis continua:

“Quanto mais nos for possível tornar essa situação consciente, tanto mais viva, forte, satisfatória será a convicção que dela emana: a fé em verdadeiras revelações do Espírito. Não é um contemplar, ouvir, sentir; composto de todos os três, mais do que todos os três: uma percepção de certeza imediata, uma visão da minha mais verdadeira e própria vida. Os pensamentos se transformam em leis, os desejos em realizações. Para os fracos a realidade desse momento é uma questão de fé.”

Essa exposição corresponde àquilo que Rudolf Steiner descreve como “A liberdade da Vivência Interior”, para o que a pedagogia prepara. Chegamos agora a uma passagem que mostra de forma especialmente bela com qual atenção e clareza Novalis carregava em sua consciência, a espiritualidade do Eu humano. Ele aponta para vivências que nós temos ao lidar com as manifestações do mundo, que nos tocam mais intimamente, mais profundamente, e nesse tocar mais profundo se manifesta algo do cerne interior de nossa personalidade, do Eu. Segue Novalis:

“A manifestação vai sobressair especialmente ao olharmos para certos vultos e rostos, preferencialmente, ao deparar com alguns olhos, algumas expressões, alguns movimentos, ao ouvir certas palavras, ao ler certas passagens, ao lidar com certos aspectos da vida, mundo e destino. Muitos casos, certos fenômenos da natureza, especialmente estações do ano e determinadas horas do dia, nos fornecem tais experiências. Tais disposições são especialmente favoráveis a essas revelações. A maioria é instantânea, permanecendo pouco, a minoria permanecendo. ...”

Como pedagogos temos isso em mira, enquanto consideramos os nossos conteúdos de aula não como objetivo em si, por mais importantes que sejam, porém, como auxiliares no desenvolvimento, nos quais as crianças e jovens possam

Juízo

Outro aspecto importante para a qualidade do Eu é, ao lado da moral, a formação do julgamento, juízo. A capacidade de formar juízo por si só, de forma autônoma, surge igualmente na puberdade. Um juízo sempre tem a qualidade do Eu, pois nele se encontra separação e junção como que contraídos. É uma junção que ao mesmo tempo exclui muitas outras coisas. Quando se diz: - “O jardim é grande.”- então *se liga* o “jardim” com a qualidade “grande” e ao mesmo tempo o *separamos* de muitas outras possíveis qualidades que não constituem elementos importantes: “pequeno”, “descuidado”, “misterioso” etc. Em cada julgamento, portanto, através do Eu é tomada uma decisão. Nisso o Eu organiza-se. Não significa que juízos ou julgamentos sempre aconteçam individualmente, ou que sempre estejam certos. A maioria dos julgamentos não é individual, eles foram assumidos de outras pessoas, das quais acreditamos que entendam mais do que nós sobre o assunto. Portanto, o conteúdo do julgamento, muitas vezes, não é individual e raramente é correto, mas com nosso Eu damos suporte ao julgamento. Orientamo-nos por ele, nós o defendemos perante os outros e assim por diante. Assumimos nosso julgamento. Isso é uma parte do tornar-se adulto. Em vista disso, deveríamos ser mais tolerantes com o julgamento dos adolescentes e não querer corrigir tudo. Isso apenas leva a argumentação sem fim. Nós, como bons professores do Ensino Médio, podemos desafiar os jovens para que eles não se deem tão cedo por satisfeitos com os seus julgamentos. Podemos deixar abertas outras perspectivas colocadas de lado, podemos discutir com eles “pedagogicamente”, e assim por diante.

Sentimentos

Mais algo deve ser acrescentado: sentimentos. Em nossos sentimentos, em nossas inclinações, que surgem ao lidar com as manifestações do mundo, olhamos para algo que de forma bastante enigmática oferece informações sobre o nosso Eu. Em nossos sentimentos intuímos quem somos. Eles nos revelam as nossas ligações pessoais com as coisas. Novalis o descreveu de forma inigualável:

“O preconceito mais arbitrário é que seja negada ao ser humano a capacidade de estar fora de si, de estar consciente no além dos sentidos. É possível ao Homem a cada instante ser um ente suprassensível. ... Seguro é que encontrar-se a si mesmo com

II - O Dente à imagem do Mineral e do Homem



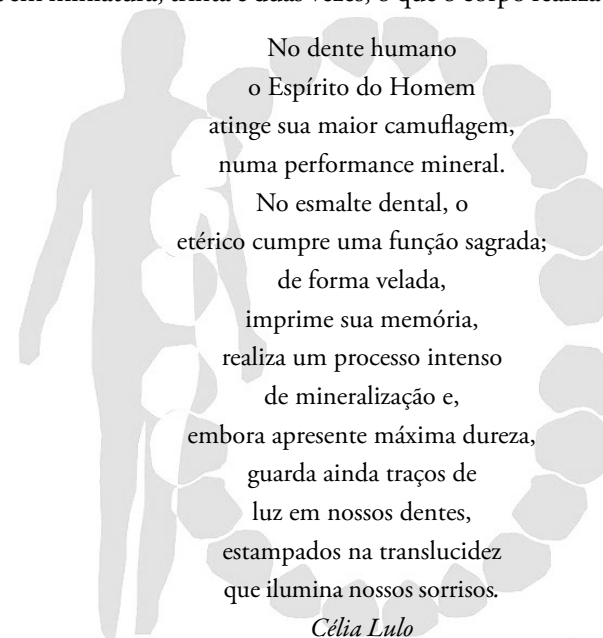
“A dentição humana revela algo central e essencial do homem, afirmou Steiner: o que existe de oculto e secreto em forma de ideia e conceito na esfera vital da individualidade do ser humano está



condensado e contido nos dentes. [fig.3] Eles são como pedras preciosas [fig.4], com contornos mais abrandados, mais arredondados, e que em comum guardam luz”.³

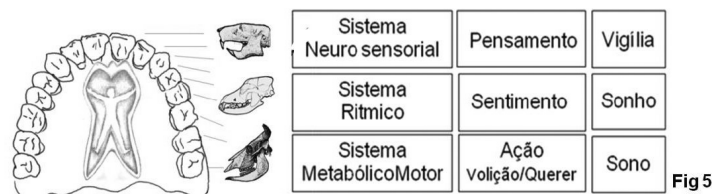
É no pólo cefálico que localiza-se a cavidade bucal, onde acontece o fenômeno fisiológico mineralizante mais intenso que se manifesta no homem – a formação do esmalte dental, por meio da amelogênese, processa as células mais mineralizadas do corpo, invólucro das estruturas mais diferenciadas do homem: os dentes. “Portanto órgão de identidade, estruturas arcaicas de nossa natureza, órgão mais perene do ser humano, os dentes são um verdadeiro patrimônio bio-histórico, verdadeiras pedras preciosas, um ‘mineral’ que passa por vários estágios até chegar ao permanente”⁴ Assim transcorre um ciclo evolutivo que revela categorias.

“O processo de formação e erupção dentária reflete um intenso e contínuo movimento de permeação do Eu no corpo físico, realizando o processo mais denso do organismo, que acontece no órgão mais mineral do corpo humano: no esmalte dental”³. A dentição permanente é constituída por 32 dentes, portanto a boca processa em miniatura, trinta e duas vezes, o que o corpo realiza em sua totalidade.⁴



III - A trimembração nas arcadas e dentes

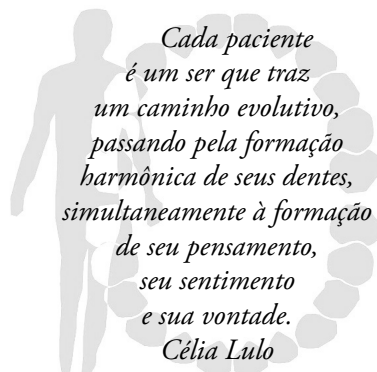
As correspondências anatômicas e sistêmicas entre o homem e o dente ultrapassam as formas análogas, guardam correspondências processuais, de modo que o processo de nosso pólo cefálico corresponde-se à coroa dental, nossos membros à raiz e entre as regiões intermediárias de ambos. Do ponto de vista da trimembração, o esquema [Fig.05] é elucidativo:



A forma e a função mantêm relações diretas, numa visão ternária sobre a arcada dental, voltada à compreensão da forma, tamanho, posição e localização dos dentes para o cumprimento das funções primitivas. Assim, vemos: molares relacionados aos ruminantes; pré-molares e caninos, aos rítmicos; e os incisivos aos roedores; no interior da arcada dental vive um “homúnculo”³

“Características dentais podem decifrar a evolução das espécies, considerando desde o aspecto da filogênese, ao anatômico vegetal, ao funcional animal até o biográfico humano. A ideia fica explícita, através da linhagem animal, e da observação dos hábitos e habitats segundo sua “atividade” predominante e pela anatomia comparada das espécies e suas metamorfoses, possibilitando decifrá-los desde suas metas primordiais até os aspectos mais individualizados e secretos da identidade do ser.”⁴

Vemos na biografia humana em paralelo a erupção dos dentes, gradualmente, o amadurecimento dos sistemas metabólico motor, rítmico e neurosensorial – querer, sentir e pensar – de forma trimembrada através dos setênios: no primeiro setênio, predomina o desenvolvimento das forças do querer; no segundo, do sentir; e no terceiro, do pensar.



Eu humano. Elas emergem da liberdade do Eu. Fidelidade, paciência, gratidão, serenidade, renúncia - são todas qualidades que necessitam de um impulso da força interior do Eu para que possam se manifestar. Não se manifestam por si só, porém quando o ser humano se decide para tal. Considerando que não se pode contar com tanta certeza com a moral, criamos diferentes tipos de instituições sociais (direito, polícia, etc.) que então atuam quando essa livre ação do Eu falhar. Isso também faz sentido, mas na pedagogia vale que deveríamos estar o mais atento possível para que possam se desenvolver opiniões e atos morais e livres. A fim de dar conta disso, Rudolf Steiner enfatizou que a educação da criança pequena deveria ser totalmente livre de admoestações e de castigos. Isso não significa que não se seja, e tenha que ser, também severo, mas justamente não ‘moralizante’, permanecendo na questão factual. É importante que não seja elaborada uma pressão educacional moral, mas que para os jovens e as crianças surja um impulso livre e prazeroso para querer desenvolver as qualidades morais. Nos primeiros anos da infância é desenvolvido algo como *percepção* moral. Isso acontece mais fortemente através da imitação, por isso é tão importante as crianças terem diante de si, como exemplos, professores de boa moral. Uma *consciência* moral própria surge na puberdade. Isso se desenvolve mais como um protesto e torna muitas vezes o período da puberdade tão difícil de se suportar. Os alunos dizem nessa idade com muita clareza que tudo é injusto e moralmente falso. Mas é justamente a particularidade da consciência que com isso também sempre tem a ver uma *separação*, ou melhor, *uma limitação*. A capacidade de dizer “não”, distanciar-se de algo, sem ser impulsionado de fora, isso de certa forma é muitas vezes um indicador ainda maior para o Eu. O Eu então se destaca através daquilo que *não* faz e *não* diz. Isso às vezes parece insatisfatório, contudo acontece freqüentemente que pessoas no decorrer da sua biografia não têm tantos feitos verdadeiros do Eu, ou seja, atos nos quais o Eu estava realmente presente. E a vida moral muitas vezes aparece mais nitidamente na negação. Em algumas das grandes personalidades como, por exemplo, Mahatma Gandhi, ou outras grandes personalidades, a moralidade não surge apenas em negações, porém como verdadeira força visível. Mas, com pessoas mais regulares, chama antes a atenção, quando *não* fazemos e *não* dizemos, que por exemplo, *não* “roubamos”, ou *não* “machucamos” a outra pessoa, etc.

responsabilidade especial por ser a única pedagogia que tem um conceito espiritual do Eu, isto é, ela sabe que o ser do Eu humano consiste em unir-se ao espírito em liberdade e de forma independente. Isso foi pré-desenvolvido por Novalis com grandiosidade magistral. Reza assim em “Pólen das flores” fragmento: (Blütenstaub)

“A mais elevada tarefa da cultura é

Apoderar-se de seu ser transcendental,

Ser simultaneamente o Eu do seu Eu.”

De forma semelhante o formulou também Rudolf Steiner:

“O maior que se pode preparar no vir a ser do homem, na criança, é que, no momento certo, através da compreensão de si própria, ela alcance a vivência da liberdade. Liberdade verdadeira é vivência interior.”

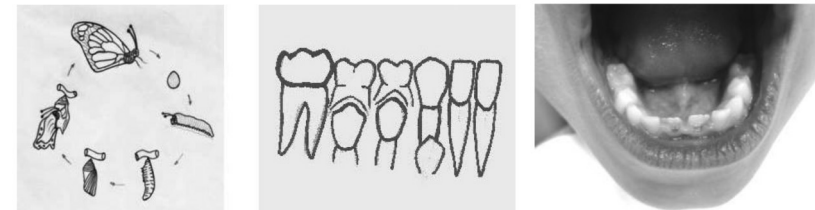
O importante nessa manifestação é que nós, como pedagogos, aqui somente *preparamos* algo. Pois o enigma do Eu humano não será desvendado por meio da escola. Pois é um enigma que ao mesmo tempo existe tanto para o mundo exterior como para o próprio indivíduo. É, como Rudolf Steiner menciona, uma questão *do momento certo*, quando o ser humano é conduzido para a compreensão de si próprio.

Como lida a pedagogia com isso? Ela deve estar preocupada para que um jovem aprenda a confiar em si próprio e em seus próprios sentimentos e principalmente também em suas idéias, para que ele precocemente não se torne desinteressado ou cínico.

Moral

Um bom professor também sempre estará ao mesmo tempo respeitando o desenvolvimento das virtudes, o desenvolvimento da moral. De onde vem moral? É uma das maiores intuições que Rudolf Steiner desenvolveu em sua obra - A Filosofia da Liberdade - que a ética e a moral unicamente emanam do

IV - A fase das trocas de dentes



[Fig 6]

A troca dos dentes na infância é um fenômeno singular que promove transformações nas arcadas, que podem ser comparadas, guardadas as proporções, ao que acontece no ciclo da borboleta, em que a crisálida é ‘deixada para trás’, surgindo então a borboleta, que emancipa-se da atividade física da lagarta na terra e agora pode alçar vôo. Em cada fase da criança, um dente decíduo é igualmente ‘deixado para trás’, e ela também alça um novo ‘vôo’.

Com a troca dos dentes ocorre a transformação do pensar. No primeiro setênio: já com os 1ºs molares permanentes na boca, a criança alça seu primeiro ‘vôo’ do pensar concreto ao início do cognitivo; no segundo setênio com os 2ºs molares permanentes amplia seu pensar cognitivo ao pensar inspirativo; e no 3º setênio, finalmente com os 3ºs molares (sisos), aprofunda seu pensar inspirativo e adentra ao pensar abstrato”.



Ao final do primeiro setênio, com a queda dos dentes temporários, a criança vivencia um natural medo da ‘perda’, do ‘desligamento’ do passado, ao mesmo tempo em que fisicamente abrem-se ‘janelas’ [fig 7] para o novo, adentrando novos ‘portais’, trazendo as novas conquistas e a transformação do pensar. Cada dente que nasce é uma conquista do espírito sobre a matéria.

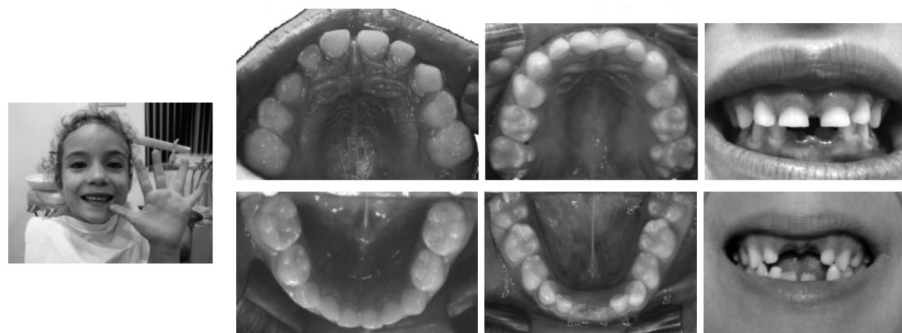
Para o profissional interessado no desenvolvimento global de seu paciente, será importante também, em relação a muitas questões que poderão surgir no decorrer na vida, saber qual dente nasceu em qual idade, e se houve anomalias de posição ou de forma. Em geral os dentes nascem segundo a ordem alfabética do esquema abaixo:

G	E	F	C	B		B	C	F	E	G
G	E	F	D	A		A	D	F	E	G

A e B = incisivos centrais, C e D inc. laterais, F = caninos e E e G = molares.⁵

Como é a boca da criança no final do primeiro setênio ? O que acontece em seu corpo físico e em seu anímico?

Ela apresenta 20 dentes na boca desde os três anos de idade, até seus seis, sete anos, conforme pode-se ver abaixo [fig8b], a seguir passa pela fase dos 20-24 dentes constituída pela erupção dos primeiros molares permanentes, [fig 8c], seguida da troca dos dentes incisivos centrais inferiores [fig 8d] e da troca dos incisivos superiores consecutivamente [fig 8e].



“No momento em que ocorre a erupção do primeiro molar permanente, as forças etéricas, que até então estavam intensamente voltadas para a formação básica do corpo físico e para a maturidade do sistema digestivo, agora se emancipam, para o início do pensar cognitivo”³.

O nascimento do primeiro molar serve também para “guiar” o alinhamento de todos os demais dentes nas arcadas, e também de plano “guia” para a chave de oclusão; servirão de referência física para os dentes do maxilar, e de todo o rosto; são dentes importantes para a definição de medidas na cavidade oral e da dimensão vertical.

Fisicamente acontece um estirão de crescimento, em especial das extremidades; O andar e a lateralidade devem estar bem definidos. Animicamente, na época da troca, as crianças amadurecem seu processo emocional, tornam-se mais aptas a se desligar do seu passado herdado, representado pelos dentes de leit. Cada criança a seu tempo, é claro.

O professor Waldorf deve saber que este processo da formação e troca dos dentes está diretamente relacionado com a vida lúdica das crianças.

Steiner cita que: “com a troca dos dentes nasce o corpo etérico, que trabalha então autonomamente no ser humano”.⁶ As forças que plasmaram o corpo

preso em um dos lados, surgindo um sentimento de separação grande demais. Muitos incentivos didáticos e idéias de Rudolf Steiner seguem nessa direção. Ele por exemplo, indica que os professores devam introduzir as letras com uma história e uma imagem e só no fim sejam desenvolvidos, a partir disso, a forma da letra. Essa sugestão de Rudolf Steiner parece-me não emanar da opinião que as crianças possam aprender mais fácil, mais rápido e melhor a leitura e escrita. Porém, que a razão para isso consista em que, dessa forma, as crianças sejam envolvidas como seres humanos completos no processo da abstração, não apenas com a razão, mas também com os seus sentimentos e vontade. Elas se uniram interiormente com a história e a imagem, e podem realizar o passo para dentro da abstração das letras individualmente. Podemos expressar isso de forma que as crianças, a caminho da abstração, não percam o mundo. Isso é um motivo muito importante na pedagogia Waldorf. Dessa forma o ser humano completo é abordado e o querer da criança, a batida ativa do pêndulo do Eu, sempre continua em ação e não chega ao entorpecimento.

Pedagogia do Eu

Mas com o que se une o Eu e do quê se separa? Une-se com tudo em que possa imergir espiritualmente e se separa de tudo que não seja espiritual, para que nisso possa desenvolver-se consciência. O Eu, ele próprio, se torna espírito. Pois só é possível imaginar o Eu humano quando é compreendido como algo capaz de vivenciar o espiritual em si. O Eu humano é a capacidade de entrega ao espírito e tem a capacidade de, nessa entrega, manter-se consciente. Naturalmente também é assim que no decurso da nossa vida nós nos unimos com muitas coisas que, ao observá-las mais nitidamente, nem são tão espirituais, mas isso é assim porque a nossa capacidade de julgar não protege o Eu de ilusões. Nós nos unimos a muitas coisas, porque com isso unimos a elas as ilusões de que se trata de algo espiritual. Aqui então estamos lidando com uma tentação.

É, portanto um lado da nossa tarefa introduzir as crianças e os jovens no mundo, permitindo que elas façam parte do mundo, no sentido goetheanístico.

Mas isso apenas é um lado da questão. Ainda vem o outro lado, o da auto-experiência e pesquisa de si próprio. Aqui a pedagogia Waldorf tem uma

Representação mental e vontade

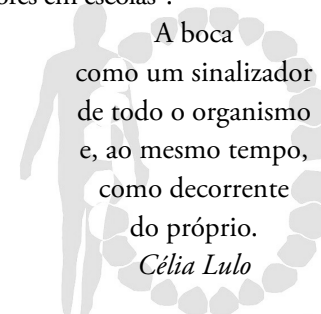
Rudolf Steiner continuou a perseguir esse *separar e unir* e apresentou como esse se desenrola no nosso estado de consciência. Ele fala de *representação mental e vontade*. Na representação mental somos antes separados das coisas do mundo. É mais um gesto antipático. Rudolf Steiner diz que então não estaríamos dentro do *ser*. E na vontade nós confluímos com as coisas do mundo de forma simpática. Ele passa então a problematizar uma educação, que está por demais ancorada no pólo da representação mental, na vivência da separação, e decididamente aponta que a pedagogia Waldorf é muito mais uma educação da vontade. Por que isso é assim? O problema consiste em considerar do ponto de vista da teoria do conhecimento, que em toda formação de representação mental a força do separar-se de certa forma será endurecida ou solidificada demais, através disso surge a nossa consciência. Formando-se então uma autoconsciência forte, mas uma que não mais consegue se unir corretamente ao mundo. É semelhante a um pêndulo que fica preso em um dos pontos extremos da sua amplitude. Com isso a consciência será fundamentada. A separação acontece para que surja a consciência. Mas a consciência não deveria ser totalmente separada das coisas do mundo. Na verdade cada processo de abstração é uma tal separação. É por essa razão que se torna tão difícil aos alunos fazer o caminho para dentro da abstração. É fácil para a razão, ela pode abstrair rapidamente, isso podemos observar em alunos inteligentes. Mas, em verdade, quando a razão abstrai rapidamente o Eu humano não está presente. O Eu é justamente a força que constantemente realiza o movimento do pêndulo entre *unir e separar*. No movimento pendular de *unir* diz: *Tudo isso sou eu*. O Eu une-se com o mundo. E no movimento pendular do *separar* diz: *Tudo isso não sou eu*. Nisso baseia-se a autoconsciência. O ser humano então se desprende das manifestações do mundo. E é exatamente isso o que acontece em cada processo de abstração que for realizado por meio do pensar. Por essa razão abstrações sempre são um tanto dolorosas. Crianças espertas conseguem fazê-lo rápida e facilmente com a sua compreensão e não percebem de imediato a dor. Ela se manifesta mais tarde quando percebem a perda do mundo que está ligado a isso. Crianças menos espertas percebem a dor logo. É justamente aqui que entra a pedagogia Waldorf. Ela tenta organizar-se, em sua didática, de tal forma que o Eu também permaneça presente em processos de abstração, para que o pêndulo possa continuar oscilando e que não fique como

físico durante os primeiros sete anos são liberadas com a troca dos dentes para a representação mental e para desenvolver a memória”.

Atualmente, acontece com grande frequência uma inversão: a troca dos dentes incisivos anteriores, antes do nascimento dos primeiros molares; está acontecendo um processo de maturação invertido, isto é, surgem os dentes da região anterior relacionada ao sistema neurosensorial antes da maturação dos dentes posteriores, da região metabólico-locomotora, o que nos incita a questionarmos: em nossa cultura “fast-food”, nossas crianças estão tendo o tempo suficiente para digerir o que se passa em seu interior? O mundo a chama para fora constantemente, ao seu redor o excesso de imagens através da TV, o excesso de informações, os apelos sensacionalistas... afeta a criança pequena que precisa estar com seu sistema neurosensorial em alerta e pronto para responder rapidamente aos apelos do mundo externo, ao qual ela é exposta precocemente.

Isto afeta diretamente o seu pensar, concorre com suas forças vitais, e pode se expressar em forma de inversão na ordem da erupção dentária, em mau posicionamento dos dentes nas arcadas, em um maior índice de cárie, em formação precoce de cálculos salivares, ou ainda em alterações significativas no pensar da criança.

Muitos fatores podem colaborar para a citada antecipação ou inversão: - hormônios, agrotóxicos, adubos químicos nos alimentos; os medicamentos, a excessiva aplicação de fluor sistêmico, somada à aplicação local; Alfabetização, intelectualização precoce; falta de filtro para as crianças, das impressões sensoriais, sensacionalistas, intelectualistas e sensualistas... Os tipos de brincadeiras com brinquedos impróprios – tão “prontos” e “modernos” – atuam também estimulando precocemente o pensar intelectual, reduzem a fantasia e o potencial criativo da criança. O recurso de ensino virtual e computadorizado para crianças pequenas que ainda vivem sua fase imitativo corporal acaba por tolher a experiência ‘vivencial’ do mundo real, que nesta fase lhe é fundamental. Este tema ‘computadores’ pode ser melhor compreendido lendo-se o livro “uso de computadores em escolas”.⁷



V - Fases do Desenvolvimento da criança.

O corpo leva 21 anos para chegar às proporções definitivas, sendo que até os três anos de idade a criança se desenvolve mais do que em toda a sua vida: ela conquista a postura ereta, partindo da horizontalidade; desenvolve as bases do andar (1 ano), do falar (2 anos), do pensar (3 anos). O andar prepara os caminhos nervosos da fala, que por sua vez prepara os caminhos da elaboração do pensar

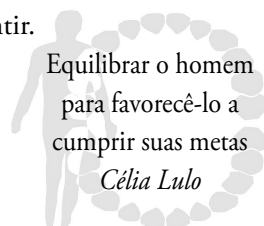
O desenvolvimento da dentição e a maturidade neurológica e psicológica do indivíduo desenvolvem-se sincronicamente consoante cada fase da criança, sendo que, nos setênios que se seguem em direção à idade adulta, metamorfoseiam-se em novas aptidões e atividades. Por isso a criança pequena deve ser preservada de toda essa “língua apelativa e virtual”.

Ao contrário, se realmente quisermos educar e favorecer a dentição, a imunidade e dar base cognitivo-emocional, devemos optar pelo respeito à vivência do movimento imitativo corporal da primeira infância, e valer-se da linguagem “arquetípica” dos contos de fadas, fábulas e lendas, dos mitos, aos contos bíblicos e às biografias, que expressam leis universais, guardam em comum um processo de luz, direção e de calor... mas há que observar a época de acesso da criança a cada um deles, oferecendo o alimento anímico adequado para cada idade.

A criança aos 36 meses apresenta a dentição completa (20 dentes) e a oclusão total: “céu e terra se encontram”, no toque entre as duas arcadas. Nessa idade, ela se “reconhece”, dizendo “eu” referindo-se a si mesma, desenvolve a marcha cruzada e conquista o equilíbrio;

Até completar sete anos, suas forças vitais (etérico) devem ocupar-se com a erupção e oclusão de 20 dentes, com o contínuo desenvolvimento dos sentidos do tato, vital, equilíbrio e movimento, que lhe permitirá perceber, nesta fase, que o mundo é bom. Este é marcadamente o setênio do desenvolvimento do querer, do brincar imaginativo, da imitação corpórea e de se imprimir o ritmo, que gera segurança na vida da criança, por meio de doação autêntica e na hora certa.

Aos 14 anos a fala amadurece, ganha alma; o jovem pode sentir que o mundo é belo, especialmente por meio do desenvolvimento de quatro importantes sentidos intermediários: visão, paladar, térmico e olfato, por isso predominantemente chamado de setênio do sentir.



nos alegramos porque, através da nossa capacidade, nos unimos com o mundo e nos tornamos uma verdadeira parte dele. Na pedagogia dos primeiros dois setênios o lema é tomar parte no mundo, orientar para a união com o mundo.

Separar

Mas existe também a outra atividade que diz: *Tudo isso não sou eu*. Ela nos conduz a outro âmbito. Aqui o Eu se separa do mundo. Baseia-se nisso a nossa autoconsciência, que surgiu por volta do século XV. Aqui eu tenho a força de me distanciar de tudo. Eu passo a ser aquele que se distingue de todos os outros, assim como Fichte também o fez. Essa força de distanciamento, de se afastar apresenta-se mais fortemente nas crianças no ‘rubirão’ (aos nove anos) e na puberdade. Isso pode levar a uma certa *quebra* e às vezes ser bem doloroso. Nós nos sentimos na passagem que lembra a citação de Novalis que diz que no interior é “*tão escuro, solitário, sem forma*”. O adolescente, o jovem vivencia o estar separado do mundo, nesse sentido, sempre novamente como uma grande dor.

A força da separação (da individualização) parece ter se tornado maior. Aqui reside o perigo de surgir certa sensação de unilateralidade. Pois em verdade trata-se de encontrar um equilíbrio certo, é uma questão de saúde interior.

Equilíbrio

Rudolf Steiner, por essa razão, já em suas primeiras palestras da “*Antropologia Geral*”, chamou a atenção à importância do ritmo correto do *separar e unir*. Ele aponta para o ritmo da *respiração* e aquele do *dormir*. Na respiração nos unimos com nossa corporalidade e com as impressões sensoriais do mundo. E ao dormir nós aprendemos a nos separar o anímico-espiritual da nossa corporalidade para unirmo-nos com o mundo espiritual. Porém as duas atividades possuem em si também uma atividade rítmica de *separação e de união*: na expiração nós liberamo-nos do nosso próprio ser e unimo-nos com o mundo. E ao inspirar nos separamos do mundo e unimo-nos mais fortemente conosco mesmos. Também ao dormir é assim; ao adormecer nos liberamos do nosso corpo e unimo-nos com o mundo espiritual e ao acordar nos separamos do mundo espiritual e novamente nos unimos ao corpo físico.

das manifestações do mundo e para o qual, por meio dos nossos sentidos, somos despertados. Passando, então, a observar o âmbito artístico, percebemos que essas qualidades podem ser aprofundadas cada vez mais e que isso é parte de uma educação artística. A qualidade de “maior” ou “menor” na música ou intervalos independentes só se manifestam para aquele que com compenetração interior adentrou as qualidades musicais. Por conseguinte, podemos afirmar que o Eu do ser humano é capaz de se unir às qualidades individuais através das suas capacidades de atenção em relação às qualidades individuais do mundo e, por meio disso, ele próprio se qualifica enquanto assimila algo dessas qualidades.

Movimento

Há, porém, paralelamente a essas percepções sensoriais, ainda outras formas de atividade, por meio das quais crianças se unem ao mundo. Uma delas reza assim: *Movimento*. Enquanto crianças se movimentam, não apenas estrebucham de qualquer jeito. Os movimentos tornam-se, com o tempo, cada vez mais coordenados, cada vez mais claros e direcionados quando as crianças aprendem a caminhar, pular, escalar, se balancear e tudo o mais. Tornam-se cada vez mais hábeis e desenvolvem capacidades. Cada movimento que nós executamos leva a novas capacidades. Isso significa que nós, em nossos movimentos, estabelecemos um intercâmbio com o mundo. Ao movimentar-nos estamos em harmonia com o mundo. Pois as habilidades que nós desenvolvemos significam que estamos em concordância com as qualidades, singularidades e normalidades de um âmbito universal. Quando eu quiser aprender a tocar um instrumento musical, um violino, isso não acontece se, durante um ano, leio cinco livros sobre tocar violino, porém, enquanto eu o faço, exercitando, exercitando e exercitando. Com isso os movimentos de meus dedos e braços se tornam cada vez mais em concordância com as leis do instrumento. Na verdade é o próprio violino que nos ensina como deve ser tocado. Portanto, conforme o caso, com cada movimento, com cada capacidade, nos tornamos uma parte do universo ou pelo contrário: o universo torna-se uma parte de nós. Por meio do nosso corpo podemos tomar parte no mundo e nele nos realizar. Isso traz alegria às crianças e de modo geral a cada ser humano. Nós nos alegamos, enquanto seres humanos, quando *somos capazes* de algo. Isso nada tem a ver com capricho ou altivez ou soberba, porém

VI - Procedimentos Educacionais Pedagógicos como Indicações Salutogênicas e Terapêuticas com finalidade odontológica.

Para o desenvolvimento desta terapêutica odontológica, antes de sua aplicação, foi necessária a constatação de que existe em comum ao processo de formação dentário, da imunidade e da base cognitivo-emocional, o processo de luz, direção e de calor dirigidos; somada a essa constatação, a observação do que se passa com as crianças nas suas fases, descrita em setênios e o conhecimento simultâneo do que é ministrado como conteúdo e atividades do currículo escolar waldorf, buscando constatar se tal influência mostra traços de evidências onde possamos verificar as transformações ocorridas decorrentes e relacionadas a esta linha, o que por sua vez comprovaria afirmações referentes à dentição feitas por Rudolf Steiner em suas conferências, como por exemplo:

“Uma boa parte daquilo que constitui a nossa pedagogia, tal como a praticamos nas Escolas Waldorf, se destina, entre outras medidas que buscam alcançar um desenvolvimento sadio da criança, a impedir uma deterioração precoce dos dentes”. Ele cita também: “... E tal como na capacidade de aprender a ler e escrever nos primeiros anos escolares se anuncia a dentição anímica, em toda atividade da fantasia e em tudo que é permeado de calor interno se anuncia aquilo que a alma desenvolve no final dos anos do primeiro grau. Então sobressaem com bastante ênfase todas as faculdades anímicas que precisam ser impregnadas de amor anímico interior, ou seja, aquilo que se exprime como força da fantasia. A força da fantasia, a ela devemos especialmente apelar nos últimos anos do ensino de primeiro grau ...”⁹

Isso posto, torna-se possível compreender o porquê da citação na página anterior sobre a atividade artística no setênio de sete a catorze anos ser tão necessária e benéfica para o ser interior como a comida, a bebida, ar e luz para o corpo físico. Nesse período (que culmina com a dentição mista), os pensamentos devem ser aquecidos por sentimentos que estimulam a imaginação.

Quando trabalhamos o processo de direcionamento de luz e calor, para orientação, alinhamento, postura, clareza de raciocínio, por meio de uma atividade artística dirigida, como uma atividade de euritmia, um conto de fadas ou atividade apropriada para a respectiva idade, inevitavelmente estamos auxiliando o alinhamento dos dentes, favorecendo o crescimento das arcadas, dos tratamentos dentários e gerais da criança, sobretudo, dando apoio interdisciplinar

consciente ao trabalho do cirurgião dentista, do médico, do professor, dos pais, dos terapeutas em geral.

Fica clara a importância dos cuidados higiênico-dietéticos profiláticos necessários, tais como: os ritmos de sono/vigília, pois o sono é nosso maior sanador, exposição ao sol nos horários apropriados para favorecer boa formação óssea e dentária, a boa higienização bucal, que é além de tudo uma disciplina da vontade, hidratar-se, beber água de qualidade, alternar tarefas com lazer e nisso incluir exercícios físicos e acesso a ar puro e adequada alimentação.

Referente ao tema da alimentação com vistas ao favorecimento da dentição é um vasto território a ser explorado, podendo-se levar em conta a constituição e as necessidades individualizadas, e nisto inclui uma atenção especial que deve ser dada quanto ao temperamento do jovem para se adequar às escolhas nutricionais. Contudo, uma conduta indispensável é incluir na dieta e oferecer à criança alimentos que contenham fibras, estimulem a mastigação e a atividade intestinal, que apesar de distante, atuam “na regulação do metabolismo do cálcio e do fósforo, por exemplo, há interferências do paratormônio que é excretado pelas paratireóides e cuja ação é tripla: sobre os osteoblastos – acentuando a reabsorção –, sobre os intestinos – levando a maior absorção do cálcio – e nos rins – sobre as células tubulares, impedindo a reabsorção do fosfato. Em suma a alimentação e os exercícios físicos fazem a ativação do metabolismo que por sua vez, estimulam as células do ápice dentário a formar o dente, ou para que um dente possa nascer, ocorre que o corpo todo participa.”⁴

A meu ver a comunhão dos conhecimentos acadêmicos e integrativos complementares é imprescindível, pois aprofundam e ampliam as indicações que podem e devem ser prescritas individualmente para cada criança, e não para cada patologia... por isso não se criam tabelas de indicações de tal procedimento para tal patologia, para não se engessar um pensar vivo e dinâmico.

Podemos citar alguns exemplos com propósito de elucidação:

Trabalharmos aquarela com a técnica de molhado no molhado, com determinadas crianças que possuem tendências para formação de cálculos salivares (patologia de idades avançadas). É um trabalho profilático e salutogênico.

No caso da gengivite juvenil, o que pode-se fazer além dos cuidados clínicos é trabalhar com a arte, pois “a atividade artística é, nesse período, tão necessária para o ser interior como o são comida e bebida, ar e luz para o corpo físico. Pensamentos devem ser aquecidos por sentimentos que estimulam a imaginação”⁸.

no mundo natural, isso é, ao mesmo tempo, a própria atividade do Eu humano. O Eu é a força que pode unir-se a tudo enquanto diz: *Tudo isso sou eu*. Nos Upanishaden diz-se: “Tat Twam Asi” – “Isso és tu”. Nisso está baseada a nossa consciência do mundo. Enquanto nos unimos com as coisas do mundo e com os outros seres humanos, reconhecendo-os, nós nos tornamos mundo, nos tornamos de certa forma o outro ser humano. Uma palavra meditativa de Rudolf Steiner reza assim:

“Percebo-me, ao pensar, uno com a corrente dos acontecimentos no mundo” ou: “Ao pensar me sinto uno com a torrente dos acontecimentos mundiais.”

Eu me encontro como conhecedor na identidade com as coisas em minha volta: a flor, a árvore, o amigo - todos são parte de mim.

A expressão “Tudo isso sou eu”, pode servir como mote para a pedagogia da primeira infância. Na pedagogia da primeira infância, no primeiro e no segundo setênio, vale a frase “Tudo isso sou eu”. Nessa idade tentamos construir pontes para as crianças, para que possam unir-se com o mundo e, através disso, poder unir-se também com seu próprio corpo. Elas devem aprender a amar o mundo e nele sentirem-se abrigadas, como espírito-alma, como alma-espírito. E também devem aprender a amar o seu corpo. Isso fazem, enquanto assimilam com gratidão as impressões sensoriais que o nosso corpo nos transmite. No entanto, esse conceito de sensorial aqui deve ser concebido de forma mais ampla.

Experiência sensorial

Consideramos, via de regra, os nossos sentidos como janelas para o mundo. Por meio dos nossos sentidos obtemos informações do mundo. Os sentidos são compreendidos como receptores. Rudolf Steiner colocou ao lado desse conceito *receptivo* dos sentidos, um conceito *produtivo* dos sentidos: então não passa a ser apenas assim que, por meio dos nossos sentidos, percebamos algo sobre o mundo, porém, ao contrário: com os sentidos o ser humano pode relacionar-se qualitativamente com o mundo. Quando nós temos uma percepção sensorial, essa percepção nos enriquece com a qualidade existente no respectivo âmbito mundial. Nas percepções gustativas isso se torna bem nítido: o azedo de um limão, o acridoce de um chocolate e assim por diante, são qualidades próprias

Rudolf Steiner se expressa de forma semelhante quanto ao Eu. Ele parte do nome Eu e diz:

“Jamais o nome Eu pode soar em meu ouvido a partir de fora, quando é a denominação para mim. A alma pode designar-se como Eu apenas de dentro para fora, por si mesma.” (de: “Teosofia”)

Esse é o mesmo pensamento de uma fundamentação autônoma de si mesmo, que também foi desenvolvida por Fichte.

Separar e unir

Como se manifesta o Eu humano? Manifesta-se por uma atividade contínua. É a batida cardíaca espiritual de nossa personalidade. Essa atividade do Eu que nós executamos em nossa consciência é uma espécie de atividade “mágica”, por isso Novalis também falou de um “idealismo mágico”. Essa atividade é: *separar e unir*.

Para Goethe essa atividade se tornou consciente ao lidar com as manifestações cósmicas e durante toda sua vida a treinou, treinou e treinou. Assim como nós pedagogos, de certa forma, queremos resolver o enigma dos alunos sentados diante de nós, assim quis Goethe resolver o enigma das manifestações das plantas. Ele quis saber o que fundamenta o mundo das plantas? Assim ele empreendeu a sua viagem à Itália. E por fim ele pode denominar o princípio da metamorfose das plantas, o movimento alternado de *concentração e expansão* das plantas. Isso também é um *separar e unir*. Esse princípio da *polaridade e intensificação*, de forma análoga, ele o elaborou em sua teoria das cores. Isso também é *um separar-se e unir-se*. Ele aprendeu e observou, até a perfeição, numerosas manifestações cósmicas da capacidade do espiritual de realização da *separação e da união* e como, com isso, se aproximar da força infinita do espiritual. Em um poema relacionado às manifestações das nuvens, diz:

*Para encontrar-te no infinito,
Precisas distinguir e depois unir.*

Unir

Mas aquilo que Goethe reconheceu como capacidade de atuação espiritual

A aplicação externa de óleo de aconitum napellus na região cervical em casos de nevralgias do trigêmio tem resultados excelentes, lembrando que a pele é excelente via de administração por rápida capacidade de absorção.

O trabalho de ponto cruz, com crianças no rubicão, em torno dos 9 anos e meio (quando erupcionam os caninos inferiores), como exercício de concentração, profilaxia de más-oclusões (simetria, mordida cruzada).

Modelagem com argila profilaxia do tônus muscular e apoio aos processos de forma da boca em geral.

Para o presente momento, o conteúdo dos exemplos expostos deve bastar... o tema apresentado não se sustenta em exemplos isolados. Os que se sentiram interessados poderão entrar em contato conosco por e-mail ou pelo site da Associação, solicitando material publicado com explicações mais complexas vinculadas ao significado dos dentes e seus aspectos mais relevantes dentro da terapêutica.



Conclusão:

Muitos anos de observação foram dedicados para investigar se o currículo aplicado na pedagogia Waldorf – desde o jardim da infância, passando pela fase da troca dos dentes, até o término do ensino médio que culmina na época das biografias – influencia de algum modo as transformações que ocorrem nas arcadas dentárias, e o desenvolvimento integral da criança.

Trabalho que se edificou por meio de observação dos processos e resultados do trabalho de assistência clínica, tratamentos dentários e pesquisa em campo [fig.9] realizados nos últimos vinte anos, incluindo a visão integral antroposófica,

pautado inicialmente nas raras citações sobre dentição, feitas por de Rudolf Steiner como pesquisa de base, conectando e desenvolvendo em seguida a pesquisa aplicada, por meio de realização de tratamentos com procedimentos clínicos odontológicos de visão integral e com medicamentos antroposóficos.

Para se proceder às conclusões e afirmações absolutas neste campo, são necessários, ainda, mais muitos anos de pesquisa, contudo já posso afirmar que a Pedagogia Waldorf é um recurso muito bem indicado até para a boa formação de ossos e dentes por praticar um currículo que respeita o momento adequado para atividades voltadas a desenvolver primeiramente o corpo físico, depois o aprendizado cognitivo, indo gradualmente ao abstrato e conceitual, e isto é salutogênico, em especial aos dentes, já que as forças utilizadas para o pensar cognitivo são da mesma natureza das que formam ossos e dentes.

As relações de equilíbrio e de compensação do ser humano são edificadas a partir da emancipação das forças etéricas desde a fase do primeiro setênio. Conduta muito bem amparada pelo currículo Waldorf, em tese, e elaborada de modo a respeitar a maturação neurológica da criança, que a preserva da exposição prematura a: intelectualização precoce; máquinas lógicas antes do tempo apropriado, linguagem binária como a dos computadores, programas de TV sensacionalistas e ambientes apelativos.

Claro que conduzir uma criança por uma ou outra pedagogia não é garantia de formação de um ser humano equilibrado, mesmo contando-se com um bom caráter e uma boa conduta do professor. Trata-se de criarmos condições educacionais mais propícias. Conforme R. Lanz: “a meta da pedagogia Waldorf é proporcionar ao jovem o desabrochar harmonioso de todas as suas capacidades, interligando as esferas física, emocional e espiritual em sua concepção da integralidade do homem”.¹¹

O professor Waldorf deve estar ciente de seu importante papel de conduzir a criança a cultivar e passar da fantasia para vida das representações mentais, base para o desenvolvimento da memória, pré passo para o começo do pensar cognitivo, e em última instância para formação dental.

Estas transformações apontam para o desenvolvimento físico-anímico-espiritual da criança a cada sete anos, como reflexo deste denso processo físico dentário ligado ao seu pensar, sentir e querer.

caminho para dentro da natureza pelo qual Goethe enveredou, porém escolheu o caminho para dentro do interior humano. Ele, o romantismo, penetrou no âmbito do sentimento e da vontade da consciência humana. Tentou encontrar o lugar de origem do nosso pensar e da nossa consciência. Na frente de todos pode-se mencionar Novalis, que levantou a pergunta em relação ao interior, ao Eu humano. É dele que vem a frase célebre, retirada de “Pólen das Flores” (Blütenstaub) - fragmento:

“Para dentro é que leva o caminho misterioso. Em nós, ou em lugar nenhum, está a eternidade com os seus mundos, o passado e o futuro. O mundo exterior é o mundo das sombras, ele projeta suas sombras para dentro do reino da luz. Agora, sem dúvida, nos parece interiormente tão escuro, solitário, sem forma, mas quão diferente seria se essa escuridão passasse e o corpo da sombra fosse retirado. Gozaremos mais do que nunca, pois o nosso espírito passou por privações.”

Novalis realizou essa inversão para dentro - que à primeira vista parece não ter nada a ver com Goethe - após a morte da sua noiva Sofia von Kühn.

De certa forma é um passo esotérico e exige uma meditação para poder acompanhá-lo. Novalis era de convicção que dentro da consciência do ser humano vive uma força e qualidade espiritual que é constantemente atordoada pelas impressões sensoriais e a razão baseada nelas. Essa assim chamada consciência da representação mental encurta a nossa própria dimensão espiritual. É o corpo das sombras que ofusca a luz espiritual da nossa própria consciência. Essa consciência da representação mental é cega tanto para o espiritual no mundo - para o que Goethe havia despertado -, quanto também é surda para o espiritual dentro do ser humano, o que Novalis tentou perscrutar.

Fichte

Novalis relacionava suas reflexões filosóficas à Fichte. Fichte se tornou conhecido como filósofo do Eu. Ele teve a intuição de compreender o Eu humano como atividade, como o um processo puro. Trata-se de uma força que se põe na vida por si própria, que se fundamenta puramente em si própria e em nada mais. Essa forma de uma sustentação de si próprio, autônoma, na verdade, só se encontra na divindade.

nosso mundo.

Na pedagogia Waldorf nós enxergamos exatamente aqui a nossa responsabilidade, pois nós não queremos que os alunos se tornem soberbos na autocracia intelectual e não tenham mais relação com as coisas do mundo. Nós queremos que eles se unam ao mundo com responsabilidade. Eles devem desenvolver suas capacidades relacionadas com o mundo, devem aprender a usar as suas mãos. Seu pensar não deve acontecer separado das coisas do mundo. Isso é um elemento goetheanístico em nossa pedagogia, aquilo que pertence à união com o mundo e ter parte no mundo.

Crítica de Steiner a Goethe

Contudo agora é interessante que justamente aqui também se encontra a crítica de Steiner a Goethe. Rudolf Steiner em verdade nunca criticou Goethe, mas aqui o faz. Ele critica que Goethe tenha realizado uma grande dedicação à natureza, mas que nunca penetrara no âmbito do tornar presente para si a consciência humana. O próprio Goethe, sempre que se referia à frase de Delfos “Conheça a ti próprio” decididamente afirmava ser como uma “astúcia dos sacerdotes conjurados secretamente” que querem desviar o ser humano da sua verdadeira finalidade de vida. Ele também formulou ironicamente:

“Eu fiz de forma esperta;

Nunca pensei sobre o pensar.”

O caminho da introspecção, da observação interior da consciência humana não foi o caminho de Goethe. Por meio dessa postura ele criou uma contraposição decidida contra o seu tempo, contra o idealismo alemão e contra o romantismo. Em relação a isso ele estava isolado e, em verdade, somente a amizade com Schiller estabeleceu um equilíbrio.

Novalis

O romantismo constituía igualmente um pólo oposto à fundamentação na razão do iluminismo. Ele, da mesma forma que Goethe, defendeu-se contra a frieza da razão, contra o reducionismo da racionalidade. Mas não buscou o

Nota:

É permitida a citação de partes deste texto, desde que devidamente referenciada: autor(a) e fonte.

Referencia da ilustrações e fotos:

[fig.1] : a)Dente b) Grupos de Dentes; c)Arcada Adulto; d) Arcada Infantil; e)Língua+
[fig.2]: Ilustração Homem-Dente +
[fig.3] : Dentes-Sorriso +
[fig.4] : Cristal-Translucidez+
[fig.5] : Trimembração Bucal e correlações +
[fig.6] : a)Ciclo da Borboleta ; b) Arcada infantil sem incisivos inferiores (Téo)+
[fig.7]: Arcada infantil sem incisivos superiores (Lucca) +
[fig.8]: Fases das trocas dos dentes no final do 1º setênio +
[fig.9]: Foto de trabalho em campo, realizado na Escola Aitiara, Abril|2011.
são ilustrações extraídas do livro O Dente a imagem do Homem – 1. ed. São Paulo: Antroposófica + Fotos pertencentes ao arquivo pessoal de pacientes da autora.

Bibliografia:

- [1] STEINER, R. *Ciência Espiritual e Medicina*, vol. II. Edição mimeografada, 1980
- [2] KÖNIG, Karl. *Os três primeiros anos da criança. A conquista do andar, do falar e do pensar e o desenvolvimento dos três sentidos superiores*. 4. ed. São Paulo: Antroposófica, 2006. Pp: 32.
- [3] GALITESI-LULO, C R. O Dente a imagem do Homem – Odontologia, Antroposofia e evolução. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2004. pp:89 | pp:106 | pp: 56 | pp:97
- [4] GALITESI-LULO, C R. As mil e uma faces do dente – Odontologia e evolução. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2004. pp: 102. | pp: 61 |pp: 36 |
- [5] GLÖCKLER, M. GOEBEL, W. Consultório pediátrico: um conselheiro médico-pedagógico. 1ª Ed. São Paulo: Ed. Editora Antroposófica 1990. Pp: 33
- [6] STEINER, R. *A prática pedagógica : Segundo o conhecimento científico espiritual do homem*. ed. São Paulo: Antroposófica, 2000 | Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2000. Pp: 97.
- [7] Setzer, V.W. “O computador no ensino: nova vida ou destruição?” In E. O. C. Chaves e V. W. Setzer, *O Uso de Computadores em Escolas - Fundamentos e Críticas* (São Paulo: Scipione, 1988).
- [8] Stebbing,L. *Understanding your Child*. Sussex: New Knowledge Book,1962
- [9] STEINER, R. *A arte da educação* [3 vol.], vol. I: *O estudo geral do homem: uma base para a pedagogia*. 2. ed. S Paulo: Antroposófica, 1995. Pp: 155.
- [10] Galitesi Lulo C R, Andrade F B, Borges, AF. (2012). Pain and disease according to integral anthroposophical dentistry. *Brazilian Oral Research*, 26(spe1) SBPqO.pp:60
- [11] Lanz, R. *A Pedagogia Waldorf- Caminho para um Ensino mais Humano*, 4a. edição (São Paulo: Ed. Antroposófica, 1986).

[*] Este material foi apresentado na íntegra durante o curso de aprofundamento para professores de jardim Waldorf, organizado pelas professoras Sandra Schorn e Mª Eugenia Ponce. Foi realizado na Escola Waldorf Rudolf Steiner, na primeira semana de Janeiro 2.013, em forma de aula com casos clínicos, com vivências que culminaram na indicação de atividades lúdicas pedagógicas, artísticas, contidas no currículo Waldorf que favorecem a formação e a troca dos dentes.

SOBRE A AUTORA:



Nome: Dr^a. Célia Regina Lulo Galitesi

Endereço eletrônico: lulogalitesi@uol.com.br

Endereço profissional: Av. Sabiá, 28 - Moema

55 (11) 5052 7400 – (11) 98331 9999 – São Paulo

Entidade a que pertence: IDEIA – Associação Odontologia I. Antroposófica
www.odontologiaantroposofica.com.br - 55 (14) 3813 7866 – iddeia@uol.com.br

Currículo Resumido:

Cirurgiã Dentista - Especialista em Ortopedia Funcional dos Maxilares/CFO;
Habilitação em Fitoterapia / CFO;

Membro do CTC-CRO.SP (Conselho Regional de São Paulo);

Docente do Curso de Formação em Odontologia Integral Antroposófica e
Seminários Waldorf.

Presidente da Associação de Odontologia Integral Antroposófica I.D.E.I.A

Tutora dos C.Ds. L.A. e IPMT pela Medizinische Sektion am Goetheanum-CH

Autora de livros na área de Odontologia e Antroposofia.

Atuação em clínica odontológica (SP/Br) desde 1985.

Nesta idade, enquanto o corpo físico começa a ter em si a alma mais imanente, o jovem já possui na boca os dentes intermediários: os pré molares, assim como segundos molares permanentes que surgem próximo ao período da maturidade física do sistema sexual. Aqui pude observar claramente como as matérias pertencentes ao currículo Waldorf favorecem a esta fase, por trabalhar o ‘ensino ativo’: o mundo via sistema muscular, suar e não cristalizar, historia, jardinagem, matemática.

Em todas as fases podemos perceber a importância da sincronidade do currículo escolar com a maturação neurológica, ou seja, o jovem necessita receber as informações apropriadas na idade certa. Um exemplo ocorre na fase do rubicão, quando a criança possui entre nove e meio e dez anos de idade, e aí, de posse de seus caninos inferiores, ela se torna apta e devidamente encarnada para estar cursando as matérias da 4º ano, mas se entrou adiantada, não é indiferente que ela receba os conteúdos da deste mesma série numa idade anterior, sem a

forma de viver do Eu humano e tenta fazer jus a ela.

O desenvolvimento da nova autoconsciência também se manifestou na filosofia. Logo nos faz lembrar a frase de René Descartes: ‘Cogito ergo sum’ (eu penso, logo existo), que fundamentou a consciência do Eu somente na existência do pensar. Isso então também foi ampliado na época do esclarecimento. Kant fala da ‘*anima rationale*’, da alma dotada de racionalidade.

De certa forma, bem verdade, aqui também acontece um *estreitamento*, isto é, um *encurtamento* para o qual Rudolf Steiner também chamou a atenção. Pois o Eu humano é muito mais do que apenas a nossa razão e nosso ser dotado de razão. Embora na escola realizemos muito para que as crianças adquiram a razão nós não queremos apenas crianças com razão.

Essa tensão entre aquilo que é baseado na razão e, de certa maneira também a consciência do Eu que se tornou autônoma e aquele Eu do ser humano, no período do século XVIII, foi sentido bastante nitidamente. Goethe se opôs com certa veemência ao fato de se valorizar por demais o Eu humano relacionado à razão. Aqui também se encontra a razão para o conflito inicial com Schiller. Ele escreve sobre Schiller:

“A filosofia kantiana, aquela que enaltece por demais o subjetivo, enquanto aparenta estreitá-lo, ele (Schiller; JS) a acolheu em si com alegria, ela desenvolveu o extraordinário que a natureza depositou em seu ser, e ele, com o mais alto sentimento de liberdade e autodeterminação, foi ingrato contra a grande mãe (A natureza; JS),...”

Embora a recém conquistada consciência do Eu tornar livre o ser humano, e ele poder se libertar da igreja e do estado, baseando-se somente em seu próprio pensar, Goethe opõe-se à *orientação subjetiva* demasiadamente grande da filosofia idealista, por levar a um super enaltecimento do Si-próprio do Homem, colocando-se como todo poderoso sobre a natureza e, através disso, se isolando. Hoje, em vista dos nossos problemas civilizatórios da destruição da natureza e da autocracia da nossa tecnologia, só agora percebemos o quanto Goethe tinha razão (nesse sentido). Nós compramos o nosso lucro próprio com a perda do

esta pergunta. A intimidade daquilo que é um Eu é realmente imperscrutável. O Eu humano é intocável. Para ninguém é visível, fora daquele que o realiza e isso é o próprio Eu. Portanto nós sempre estamos aquém quando acreditamos poder compreender o Eu de um ser humano. Nós podemos intuir os traços do Eu e, baseados nos traços, ter a impressão da qualidade enigmática do Eu, mas em verdade nós não o podemos compreender. Apesar disso gostamos, e muito, de falar a respeito das outras pessoas. Nós então formamos julgamentos de que a pessoa seja assim ou assim. Mas talvez nós apenas o façamos porque somos tocados dessa forma pela qualidade enigmática do Eu do outro. A nossa percepção de veracidade interior em verdade nos diz claramente que sempre nos encontramos aquém com os nossos julgamentos a respeito de outras pessoas. Para nós pedagogos é importante que estejamos sempre conscientes da distância que nos separa do enigma do Eu humano. Nós somos, quando bons pedagogos, *guardiões desse enigma*. Nós passamos para os nossos alunos o sentimento de confiança e fé de que cada um deles traga em si um enigma assim e que a vida humana consista em valorizar esse enigma, mesmo quando não pudermos resolvê-lo. Pois é grave e danoso quando o ser humano não intui o enigma de sua própria individualidade e igualmente grave é quando ele ou alguém de fora acredita já ter resolvido esse enigma.

O surgimento da consciência do Eu

Mas quais são as características essenciais desse Eu? Rudolf Steiner expõe que, apesar de o próprio Eu poder ser algo velho, a consciência do Eu, da qual hoje dispomos, é bastante nova na história cultural. Na história da arte nós olhamos para pessoas como Dürer ou em especial Rembrandt, que deram expressão à nova experiência de uma consciência autônoma do Eu. Rudolf Steiner e muitos historiadores junto com ele, naquele período, vivenciaram uma virada de uma época. Nasce uma nova força de consciência da alma, que possibilita outra forma de estar consciente de si mesmo. A isso deve se ligar - assim Rudolf Steiner introduz suas palestras para "A Antropologia Geral" - também uma nova pedagogia. Essa nova pedagogia deveria fazer jus àquilo que aconteceu como consciência histórica ao redor do séc. XV, isto é, o despertar de uma nova consciência na humanidade. Nesse sentido podemos chamar a pedagogia Waldorf também de *pedagogia do Eu* - porque de maneira especial atende à nova

maturidade física necessária para tal.

Finalmente, próximo aos 21 anos, percebe o mundo 'Real', neste setênio do Pensar', por meio do desenvolvimento dos sentidos da audição, palavra, pensamento, eu alheio. Aquela criança que por volta dos três anos se iniciava num 'pensar' de natureza mais concreta vai gradualmente se metamorfoseando, até estar apta a desenvolver um pensar mais abstrato, conceitual, só agora, com aptidão para a formação de juízos, sem prejuízos para a dentição.

QUAL O PAPEL DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO, DA SAÚDE E DOS PAIS?

Celina Norcia Targa

No I Simpósio do CIMA - Comitê Iberoamericano Multidisciplinar Antroposófico, realizado em 23 de Março de 2013, que abordou a PRECOCIDADE INFANTIL, foram relatadas situações de precocidade - prematuridade observadas por médicos e terapeutas em sua prática clínica.

Curiosamente, esses relatos deságuam no cotidiano da vida social, onde a família, e principalmente a escola, se expressa como espaço de responsabilidade pelo desenvolvimento saudável da criança e do jovem em nossa época.

*Qual o papel dos profissionais da educação, da saúde e dos pais?
Que cenário se configura nas escolas de pedagogia Waldorf?*

Há vários conceitos ligados à palavra PRECOCE: Algo, pessoa, objeto, tempo, qualquer coisa que acontece ou se realiza **antes do tempo certo**. É sinônimo de: imaturo, púbere, imponderado, antecipado, prematuro.

Vivemos uma época de novos paradigmas: No século XX, a produção cultural em massa trouxe novos parâmetros de acessibilidade e difusão às informações, cujos valores se configuram menos fechados. Não há mais limites ou fronteiras intransponíveis e tudo o que seria privado ou íntimo, foi se tornando visível, diluíram os véus e, mais ainda, a proteção da pessoa particular - tudo pode ser expresso e colocado à mostra nas redes sociais, torna-se hábito comum de todos, o que marca, em nossa época, o quase fim da intimidade.

Se o mundo privilegia a superficialidade e desfiguração dos valores humanos essenciais, do ritmo da vida e da participação nos seus diferentes âmbitos, a maior expressão da infância de hoje, como fruto das capacidades sociais, também recebe a marca da pressa e da ansiedade, do processo inacabado. Vivemos essa realidade diariamente no ambiente escolar.

É nessa comunidade de convivência intensa, diária, que deságuam toda a cultura dos hábitos familiares, tudo o que se cultiva na casa, na família estendida. É no encontro dos hábitos familiares que se pode perceber o que nossa sociedade valoriza hoje, seja quais forem as regras estabelecidas pela escola:

O ENIGMA DO EU HUMANO - UM DESAFIO PARA

PROFESSORES E FORMADORES

Dr. Jost Schieren

Enigma

Friedrich Hölderlin comparou o rio, em seu hino “O Reno” (Der Rhein), que tem sua origem na Suíça e flui através da Alemanha, França e Holanda onde se lança no Mar do Norte, ao curso de vida do ser humano. As frases que se seguem do poema são o mote dessa apresentação:

“Um enigma é o que nasce no Reno.

Mesmo ao canto mal é possível desvendá-lo.”

Hölderlin expressa com essas frases que o interior de um ser humano, o Eu, é um enigma no qual não se deve tocar. De forma análoga também o descreve Rudolf Steiner em seu livro “Teosofia”. Ele expõe que o Eu humano é incompreensível para alguém do lado de fora. Também um iniciado não o poderia perceber:

“O Eu como a verdadeira essência do ser humano permanece totalmente invisível... e realmente está no ‘encoberto Santuário do homem’.”

Rudolf Steiner aqui se refere às palavras de Jean Paul em relação à intangibilidade enigmática do “Santuário” do homem. O Eu humano é descrito em um ambiente quase religioso. Apresentações semelhantes encontramos em Schiller em seu poema “A imagem velada de Sais” (Das verschleierte Bild zu Sais) e em Novalis, no conto de “O jacinto e a flor da rosa” (Hyazinth und Rosenblüt).

Agora, quando nós, como professores, adentramos a sala de aula e refletimos sobre os nossos alunos, nos perguntamos: Quem são os alunos sentados diante de nós? Qual é sua personalidade? Como podemos compreender o aluno individualmente e incentivá-lo? Preocupa-nos a pergunta: O que é o Eu desse ou daquele aluno? E nós sabemos que em verdade não poderemos responder

presenteou com a transcrição de sua palestra proferida no I Simpósio do CIMA – Comitê Iberoamericano Multidisciplinar Antroposófico. Os dois artigos refletem a grande preocupação dos professores da Pedagogia Waldorf diante da alfabetização precoce que a lei acaba de nos impor.

- *tomar* rapidamente os primeiros lugares, ANTES DOS OUTROS;
- *apropriar-se* de espaços maiores por tempo maior ;
- *usufruir* de maiores vantagens em todas as medidas e todos os campos da sociedade.

Essas são as marcas gerais da COMPETIÇÃO de nossa época.

E os responsáveis pelas políticas públicas da educação demonstram o grande paradoxo entre a necessidade de uma nova consciência e o que, efetivamente, praticam, por exemplo, na valorização da quantidade de alunos matriculados e não seu real desenvolvimento humano. Exemplo maior da imposição à prematuridade no meio educacional é a obrigatoriedade de matrícula de crianças, no quinto ano de vida, ao primeiro ano do Ensino Fundamental, período no qual completarão o sexto ano de vida.

Justamente quando necessitam da capacidade de memória e de representação mental, faculdades que expressariam espontaneamente a disponibilidade de forças etéricas, vitais, nos processos neurossensoriais, no domínio e coordenação do corpo físico no espaço tridimensional, perdem o TEMPO para que esse processo de transformação aconteça.

Aparentemente, essas crianças passam regularmente para a nova fase da escolaridade formal, mas logo aparecem as questões da fadiga, irritabilidade, desatenção, desconcentração, dificuldades no processo de socialização, da escrita e da leitura, da quantificação e sua representação e, assim, a educação acadêmica se tornará também um peso. Este, por sua vez, só será notado pelos adultos muito tempo depois, quando as pequenas questões serão classificadas como “dificuldades”.

O mundo adulto furta da criança seu tempo da atividade do brincar livre criativo e imaginativo, suprime todas as capacidades formadoras de uma estrutura saudável e se orgulha de suas aparentes conquistas na competição forjada pelo materialismo da atualidade.

Por isso, a prematuridade da criança deve ser compreendida a partir da expressão das patologias do adulto. Principalmente suas expressões anímicas que se revelam no mal estar geral da nossa época.

O mal estar de nossa época está no cotidiano, não só no *stress* do trabalho, da quase impossível mobilidade, da competição imposta, que gera depressão, tédio, indiferença, obesidade, bulimia, anorexia, alergias... O dia perdeu sua graça, as atividades perderam seu sentido, as metas da vida se tornaram invisíveis.

Para o professor, e em especial para os educadores ativos na Pedagogia Antroposófica, a grande questão que se coloca é:

Como fazer frente, como cuidar do crescente desequilíbrio do desenvolvimento da criança e do adolescente nos anos escolares? Como conduzir a superação das chamadas dificuldades escolares?

Podemos responder, a princípio, com a recomendação de Rudolf Steiner na segunda palestra do seu “Estudo geral do homem, uma base para a pedagogia”, no primeiro volume do ciclo pedagógico “Arte da Educação”, no segundo dia do curso introdutório à fundação da primeira escola Waldorf em Stuttgart, ao afirmar que:

“no futuro todo ensino deveria se estear num autêntico estudo da alma humana elaborado a partir de uma cosmovisão antroposófica, relacionando o indivíduo também com todo o universo, única forma de surgir a idéia da entidade humana. O ser humano só pode ser compreendido em relação ao âmbito cósmico.”

A riqueza da comunidade escolar é poder proporcionar ao educador - profissional da educação, a oportunidade de observar a criança entre os hábitos familiares e sua relação com o novo, com o que a escola traz do conhecimento do mundo. Como alunos, as crianças estão na escola por quatro a cinco horas diárias, cinco dias por semana, quatro semanas por mês. Fazemos as contas! É aí que o educador, o professor, como *generalista*, tem a oportunidade, durante longos períodos, de observar passo a passo o processo de desenvolvimento da criança e do jovem e propor, criar e praticar em conjunto, a transformação saudável e abrangente.

Será que aproveitamos bem essa oportunidade? Estamos atentos à expressão dos processos? Avaliamos esse caminho e fazemos trocas entre nossas disciplinas, nossos saberes?

O médico e o terapeuta recebem a criança em outra situação, em geral, uma vez por semana, por uma ou duas horas em seu espaço clínico e sua intervenção é mais específica e perspicaz na metamorfose proposta.

Educadores, professores e terapeutas, médicos e odontólogos, pesquisadores da saúde: onde nos encontramos? Que espaço vence as barreiras do status profissional e olha, verdadeiramente, a criança e o jovem em desenvolvimento?

Se a educação propõe saúde e a medicina educa, como profissionais da educação e da saúde é preciso exercer nossa criatividade e criar um espaço **TRANSDISCIPLINAR** onde, além de troca informações, possamos aprender como observar integralmente o ser humano e nos propormos, nós mesmos, a nos transformar como interessados em exercer o cuidado da infância e da adolescência que nossa época exige. Esse espaço do encontro, das relações é, primordialmente, o espaço criado pela pesquisa, pelo estudo e pela partilha de seus achados e descobertas. É nessas condições que o COMITÊ IBEROAMERICANO MULTIDISCIPLINAR ANTROPOSÓFICO - CIMA - se torna o convite mais promissor para nos ativarmos, em conjunto, na direção de um aprofundamento de nossa tarefa profissional.

Bibliografia:

Elkind, David, Schooling the postmodern child, The online waldorf library, 01/1998, no. 03

Lima, Raymundo de – *Para entender o pós modernismo*, Revista Espaço Acadêmico no. 35, 04/2004, Faculdade de Educação da USP.

Steiner, Rudolf, *A Arte da Educação*, Ed. Antroposófica, 1988, p. 28.

Autora: Celina Norcia Targa, ex-professora de classe que se especializou na área terapêutica para ajudar crianças no seu amadurecimento harmonioso, nos